

VOL III

# POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira  
Patrícia Vasconcelos Almeida  
(Organizadoras)



EDITORA  
ARTEMIS  
2021

VOL III

# POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira  
Patrícia Vasconcelos Almeida  
(Organizadoras)



EDITORA  
ARTEMIS  
2021



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

#### **Editora Chefe**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira

#### **Editora Executiva**

M.<sup>a</sup> Viviane Carvalho Mocellin

#### **Direção de Arte**

M.<sup>a</sup> Bruna Bejarano

#### **Diagramação**

Elisângela Abreu

#### **Revisão**

Os autores

#### **Organizadoras**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mauriceia Silva de Paula Vieira

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Patrícia Vasconcelos Almeida

#### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

#### **Conselho Editorial**

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elvira Laura Hernández Carballido, Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Emilias Darlene Carmen Lebus, Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina

Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco

Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas

Prof. Me. Javier Antonio Alborno, University of Miami and Miami Dade College, USA

Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros



Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Dr.ª Lívia do Carmo, Universidade Federal de Goiás  
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo  
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto  
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia  
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras  
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense  
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras  
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru  
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa  
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P832 Por palavras e gestos [livro eletrônico] : a arte da linguagem vol III / Organizadoras Mauriceia Silva de Paula Vieira, Patricia Vasconcelos Almeida. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-87396-26-2

DOI 10.37572/EdArt\_280121262

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vieira, Mauriceia Silva de Paula. II. Almeida, Patricia Vasconcelos

CDD 469

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**



## APRESENTAÇÃO

O volume 3 do livro ***“Por Palavras e Gestos: A arte da Linguagem”*** se organiza a partir do diálogo entre discurso e objetos culturais e possibilita refletir sobre a construção de sentido nos diferentes discursos e saberes que entremeiam a sociedade. A construção de sentido é rio que corre, que flui, que retorce e que encontra pedras e, ainda assim, segue seu curso em busca do mar e do todo que o compõe. De forma análoga ao rio, também o discurso segue seu curso e se constitui a partir de múltiplas vozes, situadas em um contexto político histórico e social. Vozes que se orquestram, que possibilitam o embate e que provocam o debate. Essas vozes dialogam, ainda, acerca da literatura e de outras linguagens, evidenciando um trabalho com a língua(gem) em suas diferentes manifestações. Essas diversas produções artístico-culturais evidenciam a diversidade de saberes, a riqueza de identidades e de culturas e provocam encantamentos. Como bem postula Calvino (1995, p.39), “a literatura como função existencial” pode bem representar “a busca da leveza como reação ao peso do viver”. Assim, em uma dimensão ética e estética da produção, difusão e circulação dos textos e dos discursos na sociedade, o sentido engendra-se como uma co-construção, alicerçada no contexto, nas estruturas linguísticas mobilizadas e na análise das múltiplas vozes, dos valores, das crenças e ideologias que entremeiam os dizeres. Dessa forma, os textos que compõem este terceiro volume convidam o leitor à reflexão e contribuem para uma discussão profícua sobre discursos, literatura, tecnologias e objetos culturais.

Mauriceia Silva de Paula Vieira  
Patricia Vasconcelos Almeida

## SUMÁRIO

### DISCURSOS E OBJETOS CULTURAIS

#### PARTE 1: DISCURSO, DISCURSOS

#### **CAPÍTULO 1 ..... 1**

ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA DE PASTORES NO PARLAMENTO BRASILEIRO:  
COMO O DISCURSO ALIMENTA O ÓDIO.

[Yuri Barbosa de Morais Pessoa](#)

[Ana Paula Rabelo](#)

[Patrício Carneiro Araújo](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_2801212621**

#### **CAPÍTULO 2 ..... 20**

FUTEBOL E EVANGELIZAÇÃO EM UMA CAMPANHA MISSIONÁRIA: PERCURSOS DE  
MEMÓRIA EM ANÁLISE DO DISCURSO

[Daiane Rodrigues de Oliveira Bitencourt](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_2801212622**

#### **CAPÍTULO 3 ..... 32**

ESTRATÉGIAS DE DOMINAÇÃO LINGÜÍSTICO-DISCURSIVA: UM ESTUDO DE CASO  
DA PALAVRA *MUDANÇA* EM DOIS DISCURSOS POLÍTICOS DO BRASIL

[Dayse Alfaia](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_2801212623**

#### **CAPÍTULO 4 ..... 48**

EL PRESIDENTE Y EL MASHI: INTERACCIÓN Y ETHOS EN EL RESUMEN EN KICHWA  
DE LOS ENLACES CIUDADANOS DE RAFAEL CORREA

[María del Pilar Cobo González](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_2801212624**

#### **CAPÍTULO 5 ..... 65**

FACEBOOK COMO FERRAMENTA DE DISCUSSÃO POLÍTICA: UMA ANÁLISE DE  
COMENTÁRIOS *ONLINE*

[Rainhany Karolina Fialho Souza](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_2801212625**

**CAPÍTULO 6 ..... 81**

DISCURSOS E USOS DO APLICATIVO *WHATSAPP* COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA POR PROFESSORES DE LÍNGUAS DO IFTM

[Mariana Nuccitelli Simões](#)

[Welisson Marques](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_2801212626**

**CAPÍTULO 7 ..... 91**

CRONOTOPO DO ENDEREÇAMENTO E EXCEDENTE DE VISÃO NA ESCRITA DE PRÉ-UNIVERSITÁRIOS

[Fabrício José da Silva](#)

[Rosângela Rodrigues Borges](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_2801212627**

**CAPÍTULO 8..... 110**

LA SEMIÓTICA COMO DIMENSIÓN ONTOLÓGICAMENTE CONSTITUTIVA DEL ESPACIO GEOGRÁFICO. APORTES A LA TEORIZACIÓN DEL ESPACIO

[Emilas Darlene Carmen Lebus](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_2801212628**

**CAPÍTULO 9 ..... 124**

A CONSTRUÇÃO DO ETHOS NO DISCURSO JORNALÍSTICO

[Pilar Cordeiro Guimarães Paschoal](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_2801212629**

**CAPÍTULO 10..... 136**

TORCER, RETORCER, DISTORCER E DESTORCE: NOTAS SOBRE FUTEBOL, HOMOFOBIA E PERTENCIMENTO

[José Aelson da Silva Júnior](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_28012126210**

**PARTE 2: LITERATURA E OUTRAS LINGUAGENS**

**CAPÍTULO 11..... 149**

POEMAS METALINGÜÍSTICOS PARA CRIANÇAS: ESTILOS DE SE CONCEBER E ENSINAR POESIA

[Ana Elvira Luciano Gebara](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_28012126211**

<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>159</b>
A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO A PARTIR DO TEXTO POÉTICO DE MANOEL DE BARROS	
Ana Carla de Azevedo Silva Verônica Maria de Araújo Pontes	
DOI 10.37572/EdArt_28012126212	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>173</b>
OS SENTIDOS E O ESTILO DE CACASO EM <i>GRUPO ESCOLAR</i>	
Guaraciaba Micheletti	
DOI 10.37572/EdArt_28012126213	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>190</b>
A MODERNIDADE E A CATÁSTROFE DO URBANO EM <i>LEÃO-DE-CHÁCARA</i> E O <i>GUARDADOR</i> , DE JOÃO ANTÔNIO	
Beatriz Meneses do Nascimento Maria Eneida Matos da Rosa	
DOI 10.37572/EdArt_28012126214	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>200</b>
AUTOCONSTRUCCIÓN EN <i>DOS VECES JUNIO</i> DE MARTÍN KOHAN: PERSPECTIVA, GÉNERO E IRONÍA	
María Angélica Vega	
DOI 10.37572/EdArt_28012126215	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>208</b>
AS LÍNGUAS COMO PONTES: ABORDAGEM DA INTERCULTURALIDADE E DO PLURILINGUISMO LITERÁRIO EM PLE	
Isabelle Simões Marques	
DOI 10.37572/EdArt_28012126216	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>219</b>
LEITURA COMPARTILHADA: UMA EXPERIÊNCIA COM CRÔNICAS LITERÁRIAS NA SALA DE AULA	
Eliene Cristina de Jesus Vera Lúcia da Rocha Maquêa	
DOI 10.37572/EdArt_28012126217	



<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>234</b>
CONSIDERAÇÕES SOBRE A DESCENDÊNCIA DA MÚSICA ARMORIAL NA CONTEMPORANEIDADE: MUDANÇA E CONTINUIDADE	
Marília Paula dos Santos Carlos Sandroni	
DOI 10.37572/EdArt_28012126218	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>243</b>
ALÍCIA VEGA E O TALLER DE CINEMA PARA CRIANÇA: ESPAÇO DA ALEGRIA, DA EMOÇÃO E DA ARTE.	
Verônica Pacheco O Azeredo Inês Assunção de Castro Teixeira	
DOI 10.37572/EdArt_28012126219	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>253</b>
A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA COMO MEIO DE FORMAÇÃO E DE DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO	
Maria dos Anjos Pereira Rodrigues Lorena Michelle Bonifácio dos Santos Danilo Bizinotto Borges Vinícius Fonseca Maciel Felipe Mendes Marques Mateus Rosa Machado Júnior	
DOI 10.37572/EdArt_28012126220	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>263</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>264</b>

# CAPÍTULO 10

## TORCER, RETORCER, DISTORCER E DESTORCE: NOTAS SOBRE FUTEBOL, HOMOFOBIA E PERTENCIMENTO

Data de submissão: 16/11/2020

Data de aceite: 21/12/2020

**José Aelson da Silva Júnior**

Universidade Federal de Minas Gerais  
<http://lattes.cnpq.br/9529182250317282>

**RESUMO:** O presente texto faz algumas incursões acerca da assistência do futebol e suas relações com as questões de gênero e sexualidade, problematizando e fomentando uma reflexão crítica e atual sobre o torcer como possibilidade de lazer, como espaço de afirmação de uma masculinidade hegemônica, cujas práticas denotam uma suposta universalidade da dominação masculina sobre o feminino e sobre outras formas de ser masculino. As notas estão dispersas na introdução e subtítulos do trabalho, apresentando através de enunciações a temática proposta.

**PALAVRAS-CHAVE:** futebol; gênero; torcer; torcida.

QUESTIONS ABOUT SUPPORT  
PRACTICES:  
NOTES ABOUT SOCCER, HOMOPHOBIA  
AND SENSE OF BELONGING

**ABSTRACT:** This paper makes some incursions on soccer assistance and

its relations with the issues gender and sexuality, questioning and fostering a critical and current reflection on the support soccer of leisure, as an affirmation space of a hegemonic masculinity, whose practices show a supposed universality of male dominance about women and about other ways to be male. The notes are scattered in the introduction and captions work, presenting through enunciations the proposed theme.

**KEY-WORDS:** soccer; gender; support; fans.

### 1. INTRODUÇÃO

O texto a seguir é um compilado de fragmentos acerca do futebol como possibilidade de lazer e os significados assumidos por este fenômeno esportivo ao trazer consigo códigos de acesso e restrição de cunho homofóbico, visto o exercício da assistência ao jogo, ou mesmo o jogo em si, como espaços e práticas próprias a uma heteronormatividade singular e concisa.

De forma ensaística, a argumentação que orienta esta reflexão busca referências em trabalhos acadêmicos e outros textos não científicos que problematizam as relações de gênero e sexualidade no futebol, tendo como foco principal a experiência do torcer na

sociedade brasileira, questionando a natureza unívoca de manifestar o pertencimento clubístico através da atitude máscula e viril requerida por esse esporte e seus agentes.

As notas presentes no corpo do texto fazem menção à participação de torcedores gays e da organização desses torcedores, intitulados torcidas queer, torcidas livres, bem como os que utilizam do substantivo que outrora fora utilizado para depreciação de seu clube, como no caso do Bambi Tricolor<sup>1</sup>.

Jogando com as palavras abaixo problematizamos algumas questões importantes para o entendimento e análise dos objetivos apresentados, a *posteriori*, nessa narrativa. TORCER, RETORCER, DISTORCER E DESTORCER a torcida no futebol.

O *Torcer* como ponto de partida suscita a ideia da construção dos significados dessa prática, estabelecendo à torcida e aos espaços constituídos para ela, como território de uma educação viril. Diferentemente deste primeiro, da possibilidade de uma gestualidade retorcida e de um torcer aviadado<sup>2</sup>, afetado, trejeitado, emerge um novo tipo de torcedor com seu jeito insinuantemente torto de torcer: um *retorcer*.

Esse jeito de torcer gay representa uma distorção nesse universo viril da torcida, constituindo uma verdadeira invasão de território. Uma torcida que, ao se mostrar retorcida, *distorce* o espaço da torcida viril. Uma torcida que destoa, incomoda, desequilibra a imagem “reta” do torcedor.

O jogo finda na perspectiva do *Destorcer*. Surge e fica a dúvida: O que é destorcer se não colocar as “coisas” no lugar? E o que está fora do lugar? É preciso destorcer o que está retorcido ou destorcer o torcer?

Neste sentido, esse ensaio tem como desafio desmistificar esse possível torcer gay, organizado em torcidas ou não, que se configura por meio de um emergente público torcedor, trazendo para cena da academia questões históricas, sociais e culturais acerca da invenção de um torcer masculino e de suas resistências quanto à participação, neste universo do futebol, de sujeitos que contrapõem tal ordem dominante.

As lacunas existentes e resistentes a essa temática justificam a relevância em problematizar o futebol e o torcer, como espaços de vivência do lazer, cuja dominação masculina é evidenciada e valorizada.

## 2. FUTEBOL E TORCIDA COMO POSSIBILIDADES DE LAZER

A adequação do futebol, esporte inglês que desembarcou no Brasil em fins do século XIX, às características culturais do povo brasileiro explica o alto poder simbólico que

<sup>1</sup> Galo Queer, Palmeiras Livre e Bambi Tricolor são alguns exemplos de torcidas organizadas através das redes sociais e declarados torcedores dos clubes do futebol brasileiro: Atlético Mineiro, Palmeiras e São Paulo.

<sup>2</sup> O termo “aviadado” não pertence ao léxico português, mas seu uso, de tão comum, legitima seu emprego em estudos que abordam as temáticas gays.

esse esporte adquiriu ao longo dos tempos, passando a representar o povo brasileiro da mesma forma que fazem outros fenômenos nacionais, como o carnaval (DAOLIO, 2000).

A perspectiva que conduz a narrativa que, por hora, sustenta essa iniciativa de pesquisa, assume uma dimensão sociocultural nos processos de investigação do objeto demarcado pelo Futebol e suas interfaces, como o fazem vários autores brasileiros (Roberto Damatta, Jocimar Daolio, Silvio da Silva, Arno Vogel).

Damatta (1982, 1994) afirma que o futebol constituiu-se em veículo para uma série de dramatizações e representações da sociedade brasileira, permitindo a expressão e vivência de problemas nacionais. Afirma, ainda, que o futebol pode ser visto como “[...] uma imensa tela onde a experiência humana pode ser vivida e, o que é melhor, recordada e revivida.” (DAMATTA, 1982, p. 14)

De acordo com Rosa (2010), ao longo dos séculos XIX e XX, os processos de institucionalização e universalização do esporte, reconhecido aqui como fenômeno sociocultural, intensificaram-se com a formação de clubes e ligas esportivas expandindo-se para todos os estratos sociais e contextos geográficos.

Algumas pesquisas no campo da história do futebol corroboram com esses dados, como as investigações desenvolvidas por Marcelino da Silva, Raphael Ribeiro, Euclides Couto, Georgino Souza Neto e Rodrigo Moura, organizados em um coletivo de textos sobre as histórias do futebol e do torcer em Minas Gerais.<sup>3</sup>

Segundo Souza Neto (2012), nas primeiras décadas do século XX, começa a se configurar um novo comportamento do público em relação ao esporte *Bretão*. Esse mesmo autor sinaliza a transição de uma assistência do futebol para uma relação de predileção aos clubes e/ou times de futebol, estabelecendo algum tipo de vinculação com eles - o que se traduz no torcer. Damo (1998) esclarece esse novo sentido atribuído ao futebol pelo sujeito torcedor ao dizer que torce por um time assume contornos de uma identidade social e corresponde a códigos e valores que dizem muito acerca de quem somos.

Assim como aponta Silva *et al* (2012, p.23), entender e compreender que o torcer “representa uma real possibilidade de lazer” é pressuposto fundamental para fazer dessas manifestações culturais e dos sujeitos que ali estão, focos de investigação e pesquisa no campo das ciências humanas e sociais.

Nesse sentido, as torcidas têm sido objeto de interesse de diversas áreas do conhecimento. Dentre elas, as torcidas organizadas (TO's) aparecem como categoria muito rica em conteúdo e análises, visto a relação que essas estabelecem com os clubes e entre seus pares.

---

<sup>3</sup> SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de O.; SILVA, Tiago Felipe (Org.). *O Futebol nas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

Sobre as TO's, Silva *et al* (2012, p. 24) faz a seguinte caracterização: as TO's "têm grande vinculação com o clube e são identificadas através dos uniformes dentro dos estádios, nasceram tendo como um dos objetivos a ideia dos clubes de uniformizar o torcer dentro das arquibancadas." Segundo Toledo (2002), as primeiras formas coletivizadas de torcer surgiram durante as décadas de 1940 e 1950 e eram denominadas torcidas uniformizadas.

Embora o torcer surja com o advento do esporte e da modernidade, hoje em dia, podem ser observados comportamentos muitas vezes hostis que revelam, na linha do progresso que acompanha a transformação das cidades e os modos de vida, práticas de torcer pouco "civilizadas".

Algumas questões relativas a esse universo alocam-se no campo da violência, do sexismo, do preconceito racial e de um modo de torcer unívoco, leviano e intolerante, revelando outras faces do torcer e trazendo à tona, para além da festa, questões de fórum sociológico, cultural e político.

Silva *et al* (2012) destaca a necessidade de maior volume de investigações que auxiliem na compreensão e na promoção de políticas públicas mais adequadas à realidade das TO's, de certo heterogêneas. Os autores ressaltam, ainda, o fato de que "as torcidas são um objeto em constante transformação, que não se consolidam de maneira aleatória, mas sim possuem "porquês" e "comos" que se relacionam diretamente ao perfil que possuem." (SILVA *et al*, 2012, p. 45)

Os estudos de Norbert Elias e Dunning (1992), Rosa (2010), Moura (2003, 2005) e Campos (2010, 2012) chamam atenção, em suas elaborações, à condição do esporte, mais detidamente do futebol, "como área reservada masculina". Os dois últimos autores questionam o papel atribuído e assumido pelas mulheres brasileiras no futebol, o que representa nessa elaboração teórica o gatilho de um debate que dá corpo aos estudos sobre gênero, esporte e homofobia que aqui se pretende.

Emerge nesse cenário do torcer no futebol, o "risco" da presença de um novo (?) torcedor: o torcedor gay e as respectivas torcidas organizadas gays.

Retomando as considerações de Silva *et al* (2012), em relação "a constante transformação das torcidas", surge um outro questionamento. Reconhecida a tradição de o estádio, o futebol e as torcidas representarem um espaço para práticas masculinas, de atitudes viris e de domínio do macho, e reconhecido também o surgimento de grupos gays como torcedores de futebol, como se dá o convívio desses dois modos de ser torcedor? Há indícios de haver espaço para esse convívio? Quais condutas, discursos e representações precisam ser "destorcidas"? Quais as possibilidades e os limites para a mudança?

### 3. FUTEBOL E TORCIDA COMO ESPAÇO DO MASCULINO

Segundo Rosa (2010), já existe um amplo acervo de trabalhos voltados a discutir as relações entre homofobia e esporte. Neste sentido, citando Liotard, o autor entende que:

As abordagens teóricas e os estudos empíricos realizados tanto na América do Norte como na Europa, junto a atletas masculinos e femininos, em esportes profissionais e amadores, em estruturas escolares ou universitárias, associativas ou comerciais, em equipes locais ou nacionais colocaram em evidência não somente os comportamentos, mas também uma cultura homofóbica<sup>4</sup>. (LIOTARD, citado por ROSA, 2010, p.14).

No tocante ao futebol, pesquisas científicas cujas temáticas refletem o futebol como espaço heteronormativo são expressivos, entretanto, quando se refere à apropriação do torcer no futebol por grupos gays, e/ou sobre homofobia no futebol, temos um campo de pesquisas ainda incipiente. Na presente proposta de pesquisa, as possíveis evidências para uma história do futebol e homofobia são balizadas pelos estudos de Rosa (2008 e 2010).

Um pouco dessa história será descrita através de “enunciações”, como assim designa Rodrigo Rosa ao narrar alguns episódios relativos à homofobia e futebol, depreendido de suas fontes de pesquisa:

Já é noite feita. Acabo de retornar do Estádio Moisés Lucarelli, casa da Associação Atlética Ponte Preta, equipe que há minutos atrás perdeu o jogo válido pela décima terceira rodada do Campeonato Paulista da série A1 de 2010. Perdeu para o São Paulo Futebol Clube, por 2 a 0. Fui ao jogo porque queria experimentar dividir o estádio de futebol com Richarlyson e outras milhares de pessoas, entre jogadores e trabalhadores do espetáculo e torcedores/as. Mas especialmente, queria estar com Richarlyson. Queria ver a Torcida Independente gritar os nomes dos componentes do São Paulo e ignorar o do suposto gay que os envergonha. Apesar de não conseguir discernir absolutamente tudo que a torcida entoava, estou seguro que não ouvi o nome dele. Lembro-me de gritarem pelo Rogério Ceni, pelo Dagoberto, Marcelinho Paraíba... mas nada de Richarlyson. Fui também para ver como se comportavam torcedores diante de um adversário que escolheram ser gay e o que presenciei superou minhas expectativas. Além dos termos viado e bicha - com seus respectivos desdobramentos derivados dos mecanismos da língua que chamamos de aumentativos e diminutivos - serem os mais frequentemente emitidos, depois de filho-da-puta, nada movia mais os torcedores da Ponte do que tentar atingir Richarlyson com palavras. Quero dizer, ainda que todos os jogadores do São Paulo tenham sido alvejados por gritos de “Bambi!”, carga reservada aos que se contaminaram, por atuar naquele clube e por dividir campo, vestiário, folha de pagamento com um “suspeito”, o alvo preferencial, sem dúvida alguma, era Richarlyson. Por conta de sua suposta bichice, foram muitos os torcedores que se levantaram, agarraram a própria genitália e a ofereceram ao jogador. Não foram poucas as torcedoras que sugeriram que ele fosse fazer o que elas diziam

<sup>4</sup> “[...] a palavra homofobia já circulava nos discursos populares e acadêmicos desde 1970, é somente em meados de 1990 que emerge como conceito central de análise em reflexões sobre o fenômeno esportivo, na produção científica da Educação Física Brasileira. Paulatinamente, autoras e autores deste campo de conhecimento passam a atentar-se para este encontro temático. Todavia, em comparação com outras discussões caras à Educação Física, elaborações sobre homofobia e esporte ainda são raras.” (ROSA, 2008, p. 50).

ser o que ele mais gostava: dar o cu! Tampouco foram poucas as crianças, meninos na sua totalidade, que se esforçavam em desqualificá-lo, escolhendo agregar um “bichona” ao clássico “filho-da-puta”, incentivados e incentivadores dos pais e mães que urravam as mesmas frases. Aos meus olhos e ouvidos, as maravilhas do jogo sucumbiram ao horror do seu entorno.”(ROSA, 2010, p. 1-2)

O depoimento de Rodrigo Rosa apresenta indicativos de uma conduta “natural”, banal, que constitui numa forma singularizada de torcer. Um “torcer viril”. Isso fica mais evidente quando Dunning e Maguirre (1997) salientam que o esporte tornou-se expressão cultural cada vez mais importante dos valores masculinos tradicionais e o esporte organizado transformou-se na principal experiência de validação da masculinidade.

Assumindo o futebol como fenômeno cultural e detentor de um poder simbólico, como definido por Jocimar Daolio (2000), é possível inferir que esse esporte tem sido o espaço de validação da masculinidade e o nicho de preservação dos códigos e valores tradicionais dessa masculinidade para cultura brasileira.

Ainda neste sentido, Moura (2005) e Ponciello (apud RAGO, 1995/1996), atentam ao fato de que os esportes coletivos (nesse caso o futebol) são os últimos lugares em que os valores masculinos podem ainda ser investidos publicamente, legitimamente e sem vergonha, ou seja, foi o espaço social que sobrou para os homens referenciar sua masculinidade.

A espreita das análises a seguir parece conformar o que aqui foi suposto como uma educação para o torcer, confluyente para uma educação viril.

Segundo Dunning e Maguirre (1997, p. 345), “o esporte representa para uma maioria de homens o principal local de ensino, de preservação e de expressão pública das normas tradicionais de masculinidade.” Em relação ao campo futebolístico, Moura (2005, p.138) aponta para o fato da formação, determinação e manutenção dos papéis sexuais “acontecerem no seio familiar e na escola”.

É notório que o universo do futebol caracteriza-se por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente masculino: como esse espaço não é apenas esportivo, mas também sociocultural. Os valores nele embutidos e dele derivados estabelecem limites que, embora nem sempre tão claros, devem ser observados para a perfeita manutenção da ‘ordem’, ou da ‘lógica, que se atribui ao jogo e que nele se espera ver confirmada. (FRANZINI, 2005, p. 316).

Não existe o conceito de macho sem que também haja o conceito de fêmea. O que simbolicamente demarca posições e reforça os papéis permitidos ao masculino e ao feminino são os códigos de conduta atribuídos a esses sujeitos, a fim de manter uma suposta ordem social, onde cada um desempenha o seu papel.

A participação das mulheres na história do futebol revela um doutrinamento para que elas se aproximassem ao máximo, sem destoar, do comportamento esperado pelos

homens, o que se observa na banalização de um torcer, na contemporaneidade, marcado por palavrões e gestos obscenos que, no espaço da torcida são permitidos e até mesmo desejados, tornando-se naturalizados.

Isso fica ainda mais evidente quando, dentro dessa lógica, se relativiza a participação das mulheres no jogo de futebol por um atributo sexual que lhes aproxima da virilidade: sua orientação sexual representada pelo lesbianismo. Para Liotard (2003, p. 04)

o mundo dos esportes depende da estigmatização, tanto dos homens que se afastam dos caminhos da virilidade tradicional quanto das mulheres que dele se aproximam, associando num mesmo movimento, sexismo e homofobia. Se por um lado a presença de sapatas no esporte também desperta o mesmo pânico moral desencadeado pelas bichas, por outro a pressuposição de que, enquanto lésbicas, seriam também masculinizadas e viris, às tornaria mais aptas às práticas esportivas demandantes de virilidade.

Campos (2012), ao se dedicar à pesquisa sobre mulheres torcedoras, apresenta elementos que indicam essa educação para o torcer como uma educação paternalista. Referindo-se à participação dos homens na introdução das mulheres aos estádios de futebol, essa autora destaca que

Foram eles que abriram uma concessão para que suas mães, esposas, namoradas e filhas frequentassem esse local, desde que acompanhadas por eles. A entrada da mulher nesse espaço masculino não foi marcada pela intenção de mudar a condição feminina, a ordem social ou mesmo a hierarquia de gênero que se estabelece na sociedade. (CAMPOS, 2012, p. 173).

Sobre a relação pai-filha-futebol, esse mesmo estudo indica um doutrinamento nutrido pelos laços familiares, marcado pela admiração, pelo respeito ou por determinada forma de estabelecer vínculos afetivos com a figura paterna que faz com que a imagem do pai e seus respectivos gostos sejam acolhidos por suas filhas torcedoras; “sua forma de pensar e agir tende a ser seguida, muitas vezes, sem questionamentos.” (CAMPOS, 2012, p.175)

Alguns reflexos dessa educação viril ficam explicitados no discurso de torcedoras, sujeitos da pesquisa desenvolvida por Campos (2012, p.179).

[...] muitas torcedoras disseram que cantavam, pulavam e falavam palavrão. Fato que chamou a nossa atenção durante as entrevistas foi que muitas das que assumiram falar palavrão no estádio não conseguiram reproduzir os cânticos e nem os xingamentos durante as falas em um contexto fora do estádio.

Vale observar que o ritual descrito se encaixa no espaço do masculino, onde esse tipo de comportamento, supostamente parte da catarse do torcedor, é banalizado e, por isso mesmo, esperado e permitido. De acordo com Daolio (1997), o estádio de futebol



tornou-se um espaço de permissividade para certo tipo de violência simbólica. “Com isso, algumas atitudes reprováveis dentro da sociedade são admitidas nesse espaço.”

Retomando as constatações de Campos (2012, p.179), uma das suas entrevistadas afirmou que “[...] mulher não pode falar palavrão que é feio”. Entretanto, no ambiente da torcida, esse comportamento “desviante” da conduta feminina encontra seu eixo: torna-se aceito, adequado, acolhido. Daí ser possível depreender a ocorrência de uma nova identidade. Não mais da mulher, mas sim da torcedora viril.

Campos (2012, p. 181) também destaca o fato de que “o lócus do preconceito é o mais diverso e ocupa vários ambientes. É praticado por ambos os sexos, a partir do momento em que não reconhecem a ida ao estádio como um lazer também pertencente à mulher.” Poder-se-ia acrescentar, a essa ideia, a negação de pertencimento a todo aquele que não representa/assume o seu devido papel, o de um(a) torcedor(a) viril.

Outra enunciação apresentada por ROSA (2010, p. 59) converge com as inferências de uma educação *moral* atribuída ao futebol.

Em outro episódio, Lampião<sup>5</sup> revela uma manifestação da homofobia no meio esportivo em que o futebol aparece como prática com características curativas, capaz de livrar o sujeito e conseqüentemente o seu entorno, dos malefícios da homossexualidade e das efeminações. Em um breve texto publicado em 1978, o poeta Paulo Augusto revelava o drama que seu irmão caçula vinha enfrentando desde que a família interceptara cartas trocadas entre eles em que confidenciavam seus desejos e experiências homossexuais. Os familiares vinham obrigando o rapaz a cursar uma universidade que escolheram, trabalhar onde conseguiram encaixá-lo, jogar futebol e namorar com moças (“Uma história de família”, Lampião, n. 04, p. 16, 1978). A prática do futebol aparecia como penosa, para alguém que não a apreciava, porém mais do que um castigo, aquela obrigação permitia denotar a crença familiar de que tal prática masculinizaria o caçula e poderia contribuir para afastá-lo da homossexualidade. O futebol configurava-se como uma estratégia de heterossexualização, ao lado da escolha da profissão e do trabalho, como um método de blindagem contra o contágio da viadagem.

Esta última enunciação demonstra quanto o imaginário sobre o futebol e a representação que se tem sobre ele está arraigado ao simbolismo de uma prática masculinizante, o que, dessa forma, faz com que o torcer no futebol também o seja.

#### 4. A EMERGÊNCIA DA TORCIDA E DE UM TORCER GAY NO FUTEBOL

‘Homossexualidade: o tabu das arquibancas’<sup>6</sup>. Assim era intitulado o editorial da revista masculina, *Papo de Homem*, em sua seção de artigos e ensaios. Por não se tratar

<sup>5</sup> Lampião foi um dos periódicos utilizados por Rodrigo Rosa em sua pesquisa de Mestrado. Ver: ROSA, Rodrigo Braga do. *Enunciações afetadas: relações possíveis entre homofobia e esporte*. (Dissertação) Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação Física. Campinas, 2010.

<sup>6</sup> Ver: <<http://papodehomem.com.br/homossexualidade-o-tabu-das-arquibancadas/>>. Acessado em 23 de mar. de 2014.

de uma revista para um público específico, como, por exemplo, as revistas destinadas a seguimentos sociais ou de gênero, chamou atenção a evidência de um tema, como o próprio editorial afirmou – um *tabu*.

Esse mesmo artigo diz ser inevitável falar sobre esse assunto e apresenta pontos sérios a serem discutidos - o da identidade do torcer e a territorialidade no futebol, visto que, segundo a revista online *Papo de Homem*, “enquanto torcedores formam grupos para dar visibilidade à homossexualidade, torcidas organizadas temem perda de espaço”.

Embora surja como fenômeno recente, há registros mais longínquos da existência de torcidas gays no Brasil. Poucos sabem que o espaço das arquibancadas já foi dividido com uma torcida “requebrante”: Coligay, “a alegre torcida do Grêmio”.<sup>7</sup>

Lúcia Brito (2006), em reportagem publicada na revista *Imortal Tricolor*, totalmente devotada ao Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, afirmou que essa irreverente torcida teria surgido em 1977, destacando o destemor destes torcedores, em tempos de liberdades civis cerceadas e de inquestionável domínio de machos nas arquibancadas.

O Brasil vivia sob a ditadura militar e não eram tempos dos mais arejados. Era preciso ser muito macho para sair do armário e revelar a preferência sexual alternativa. Que dizer então de sair no maior modelão e ir para um estádio de futebol reduto praticamente exclusivo de homens com H, onde as poucas mulheres que se aventuravam a entrar eram alvo de grosserias no mais baixo nível. (BRITO, 2006, p. 24).

Algumas enunciações presentes nas fontes (periódicos específicos) pesquisadas por Rosa (2010), bem como os fragmentos descritos a seguir, caracterizam o torcer da Coligay, e sinalizam uma relação de tolerância entre eles e os outros torcedores.

Eles passaram a levar faixas identificativas, a bailar – rebolando e levantando graciosamente o pezinho e quando uma bola raspava a trave defendida pelo goleiro do Grêmio, juntavam as palmas das mãos e soltavam agudos gritinhos de emoção. (FONSECA, 1977, p. 50).

Se destacavam pela animação, - cantando, gritando, pulando e rebolando o tempo todo – e pelo figurino extravagante, com túnicas sedosas esvoaçantes, plumas, paetês e muito, muito glamour.” (BRITO, 2006, p. 24).

Em seus estudos, esses autores declararam também uma aparente relação de cortesia entre a Coligay e o Clube. Aos poucos, a Coligay foi ganhando a simpatia de outros torcedores e tornou-se uma espécie de amuleto para os jogos do Grêmio.

---

<sup>7</sup> O nome Coligay faz referência e seria uma homenagem de Volmar Santos à boate Coliseu, voltada para o público homossexual, e à identidade dos componentes do grupo de torcedores. Ver Gerchmann (2014).

**Figura 3:** Foto da torcida do Grêmio Futebol Clube, a Coligay<sup>8</sup>.



**Fonte:** Revista on-line *Papo de Homem*

Outra torcida que surge nesse mesmo contexto é a torcida organizada Fla-gay, grupo que se dizia torcedor do Clube de Regatas do Flamengo. Entretanto, os dados apresentados por Rosa (2010), registram, diferentemente do sentimento atribuído à Coligay, uma grande rejeição à Fla-gay, sendo ela impedida de entrar nos jogos do Flamengo por decisão da própria diretoria do clube.

Ao que se sabe, nenhuma das torcidas gays resistiram no tempo. Nesse sentido, a cronologia desenvolvida por Fachini (2006, p.84) em “três ondas”<sup>9</sup>, demarcam temporalmente os movimentos de militância LGBT<sup>10</sup> no Brasil e nos permite aproximar o declínio das torcidas ao contexto histórico que se dava nas décadas de 70, 80 e a partir de 90, no Brasil e no mundo. Isso fica mais claro no trecho abaixo, exposto por Rosa (2010, p. 169-170).

Se nas décadas de 1970 e início dos anos 1980, estes fenômenos tiveram alguma visibilidade midiática, o período seguinte seria silencioso a respeito das torcidas gays. O recuo do movimento organizado, desarticulado por múltiplos fatores internos e externos já tratados anteriormente, que marcaram a segunda onda do ativismo homossexual no país, parecia compor a explicação mais

<sup>8</sup> A tentativa de formar uma torcida organizada gay não é novidade no futebol brasileiro. Foi no dia 10 de abril de 1977, quando o Grêmio foi disputar uma partida pelo Campeonato Gaúcho contra o Santa Cruz (RS), que a novidade estampava as arquibancadas do estádio Olímpico: cerca de 60 torcedores homossexuais impressionaram os demais pela festa que faziam. Era a Coligay, a primeira torcida organizada assumidamente gay do Brasil. A Coligay foi fundada por Volmar Santos, que hoje é colunista social do jornal O Nacional, de Passo Fundo (RS). Disponível em: <<http://papodehomem.com.br/homossexualidade-o-tabu-das-arquibancadas/>>. Acessado em: 23 de mar. de 2014.

<sup>9</sup> Três períodos marcadamente distintos pelas quais passou esta militância: uma primeira onda correspondente ao “surgimento e expansão do Movimento durante o período de abertura política”, que se estende de 1978, com a fundação do grupo “SOMOS”, até meados da década seguinte, com a retomada do regime democrático e a emergência da AIDS como “peste gay”; uma segunda onda que compreende o restante da década de 1980, marcada por uma reordenação do Movimento que, Edward MacRae (1990) nomeou como um “período de declínio” e; uma terceira onda, caracterizada por um reflorescimento e constante expansão das atividades militantes, que teve início com a chegada dos anos 1990.

<sup>10</sup> LGBT é o acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros, mas, em alguns casos, a letra T remete a Travestis e Transexuais.

plausível para o desaparecimento daqueles grupos de torcedores. Em tempos de organização social fragilizada e do estigma flagelante da Aids, torcedores recolheram suas cornetas e faixas, mas quando o movimento re floresceu em meados dos anos 1990, elas não retomaram a expressividade que um dia obtiveram.

As notas até aqui desenvolvidas dão fôlego a emergente organização de torcedores gays no futebol brasileiro. Segundo o site da EBC (Empresa Brasileira de Comunicação), o que se tem observado é o fato de que, desde 2013, muitos torcedores vêm utilizando as redes sociais<sup>11</sup> para se vincularem às torcidas organizadas gays de seus times. Essas torcidas têm utilizado desses canais para enfrentar o preconceito no futebol<sup>12</sup>.

Aos acréscimos deste ensaio, cabem indagações acerca da identificação desse torcedor e desse torcer. Já pareça certo que, dentre as razões que motivam esses torcedores, exercer o direito de torcer pelo seu time e usufruir dos espaços destinados a esse lazer são fundamentais e se justificam. Analisando os depoimentos de Volmar Santos, idealizador da Coligay, e Felipe Campos, idealizador da Gaivotas Fiéis<sup>13</sup>, podemos depreender tais indícios.

O que eles não entendem é que antes de tudo somos gremistas, que vibramos de paixão pelo nosso clube. Toda essa turma que está aí já vinha ao estádio há muito tempo, e a única diferença é que agora estamos reunidos, torcendo numa boa, na nossa. (FONSECA, 1977, p. 49)

Sou corintiano roxo, ou rosa, como preferirem. [...] quero ter mais acesso aos estádios. Evitar represálias já vivenciadas por amigos. [...] Quero ser torcedor como qualquer homem. Por que antes de ser gay, sou homem e sou corintiano. Quem vai me impedir? (Fala de Felipe Campos em Entrevista cedida ao site Terra)

A afirmação da orientação sexual não pode sobrepujar a afirmação do ser torcedor. Se assim acontecer, a torcida será tornada meio, e não fim. Funcionará muito mais como “vitrine” para manifestação de uma identidade minoritária do que como espaço identitário constituído a partir do envolvimento afetivo por um time.

O que podemos ver nas páginas das torcidas queer/livre são discursos de pertencimento clubístico e de uma posição política. Mesmo ocupando outros espaços

<sup>11</sup> Atlético Mineiro: <https://www.facebook.com/pages/Galo-Queer/260183954118767?fref=ts>

Cruzeiro: <https://www.facebook.com/torcidaacruzeiromaria>

São Paulo: <https://www.facebook.com/BambiTricolor>

Grêmio: <https://www.facebook.com/pages/Gremio-Queer/596222133723294>

Vitória: <https://www.facebook.com/ecvitorialivre>

Bahia: <https://www.facebook.com/pages/EC-BAHIA-LIVRE/494001227314767>

Internacional: <https://www.facebook.com/pages/QUEERlorado/164289153730713>

Palmeiras: <https://www.facebook.com/PalmeirasLivre>

Acessado em 23 de mar. de 2014.

<sup>12</sup> <http://www.ebc.com.br/esportes/2013/04/torcidas-organizadas-gays-usam-redes-sociais-para-enfrentar-preconceito-no-futebol>. Acessado 23 de mar. de 2014.

<sup>13</sup> Entrevista sedida ao site Terra. Ver em <<http://esportes.terra.com.br/corinthians/idealizador-de-gaivotas-fieis-felipe-campos-diz-sofrer-ameacas,9050eaa2886d1410VgnCLD200000ec6eb0aRCRD.html>>. Acessado em 23 de mar. de 2014.

de assistência ao futebol, diferentemente dos estádios, visto a negação deste espaço a esses torcedores dissidentes, o ambiente virtual é explorado de modo providencial como espaço “seguro” de denúncias e questionamentos sobre o enraizamento do preconceito sobre mulheres e homossexuais nesse esporte.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, Lúcia. Nação Tricolor: Coligay. In: **Revista Imortal Tricolor**, n. 03, jan. 2006, p. 24.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. As mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão: suas características e relações com o clube e com o estádio. In: SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de O.; SILVA, Tiago Felipe da. (org.). **O futebol nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

\_\_\_\_\_. **Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão**. Mestrado (dissertação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Belo Horizonte, 2010, 142fls.

DAMATTA, Roberto (org.). **Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro**. Revista USP – Dossiê Futebol, n. 22, pp. 10-17, 1994.

\_\_\_\_\_. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro. Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. **Bons para torcer, bons para se pensar: os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores**. MotusCorporis. Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 11-48, 1998.

DAÓLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, Paulo. (org.). **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

\_\_\_\_\_. **Cultura, educação física e futebol**. Campinas. Editora Unicamp, 1997.

DUNNING, E. & MAGUIRE, J. **As relações entre os sexos no esporte**. *Estudos Feministas*, v. 2, 1997, pp. 321-348.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zajar Ed., 2000.

ELIAS, Norbert; DUNNING Erik (org.) **A busca da excitação**. Lisboa, 1992.

FACCHINI, Regina; BARBOSA Regina Maria. **Dossiê saúde das mulheres lésbicas: promoção da equidade e da integralidade**. Belo Horizonte: Rede Feminista de Saúde, 2006.

FRANZINI, Fábio. **Futebol é ‘coisa para macho’? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol**. *Revista Brasileira de História*. vol. 25, n. 50, 2003, pp.316-328.

FONSECA, Divino. Para o que der e vier. In: **Revista Placar**, n. 370, mai. 1977, pp. 48-50.

FREITAS, M. **Do amor grego à paixão nacional: masculinidade homoeroticidade no futebol brasileiro**. Acesso em 07 de março de 2015. <http://www.efdeportes.com/efd55/paixao.htm>

GERCHMANN, Léo. **Coligay: tricolor e de todas as cores**. Porto Alegre: Libretos, 2014.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. O reconhecimento da diversidade sexual e a problematização da homofobia no contexto escolar. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Méri Rosane Santos; SOUZA, Nádia Geisa Silveira; GOELLNER, Silvana Vilodre e SOUZA, Jane Felipe (Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas**. Rio Grande: Editora da UFRG, 2007.

LIOTARD, Philippe. Sport et Homophobie. In: TIN, Louis-georges (Org.). **Dictionnaire de l'Homophobie**. Paris: Press Universitaires de France, 2003.

PEREIRA, A. S.; et al. **Preconceito contra homossexuais no contexto do futebol**. Revista Psicologia & Sociedade, 2014, v. 26 (3), 737-745.

PINTO, Mauricio Rodrigues. **Torcidas Queer e Livres em Campo: Sexualidade e Novas Práticas Discursivas no Futebol**. Ponto Urbe [online], 2014. Acessado em 28 de abril de 2015. Disponível em <http://pontourbe.revues.org/1460>

PINTO, Mauricio Rodrigues; ALMEIDA, Marco Bettine. **As torcidas queer em campo: a emergência de grupos que questionam a homofobia e o machismo no futebol**. Revista Brasileira de Estudos do Lazer. Belo Horizonte, v. 1, n 2, p105-116.

RAGO, Margareth. **"Adeus ao feminismo? Feminismo e pós-modernidade no Brasil"**. *Cadernos AEL*, n. 3/4, p. 12-43, 1995/1996.

ROSA, Rodrigo Braga do. **Enunciações afetadas: relações possíveis entre homofobia e esporte**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010.

\_\_\_\_\_. **Homofobia e esporte na produção da educação física brasileira (1979-2007)**. Trabalho de conclusão de curso. Faculdade de Educação Física – universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2008.

SILVA, Silvio Ricardo da. **Tua imensa torcida é bem feliz... da relação torcedor com o clube**. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer). Faculdade de Educação Física - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001.

SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de O.; PRAÇA, Gibson Moreira; AUGUSTO, Izabela Guimarães; SILVA, Tiago Felipe da; GOMES, André Silveira. **Torcedores organizados em Belo**. In: SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de O.; SILVA, Tiago Felipe da. (org.). **O futebol nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SOUZA, Marcos A. **Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro**. *Cadernos Pagu*. Campinas, v. 6, n.7, p. 109-152, 1996.

SOUZA NETO, Georgino Jorge. **A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)**. In: SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de O.; SILVA, Tiago Felipe da. (org.). **O futebol nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**. São Paulo, Hucitec/Fapesp, 2002 (coleção Paideia).

**Contato:** juniorefi@hotmail.com / (31) 99751-4630

## SOBRE AS ORGANIZADORAS

**Mauriceia Silva de Paula Vieira** - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista.

**Patricia Vasconcelos Almeida** - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.

## Índice Remissivo

### A

Acción semio-técnica 115, 117, 118, 119, 121

Alícia Vega 243, 244, 245, 246, 247, 252

Alteridade 91, 93, 98, 99, 101, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 210, 211, 212, 214, 224, 250

Análise de Discurso Crítica 1, 2, 7, 19

Análise do Discurso 8, 20, 22, 32, 33, 34, 38, 39, 43, 47, 65, 81, 83, 84, 86, 90, 125, 126, 128, 135, 173, 174

Argumentação 14, 16, 17, 32, 34, 35, 41, 46, 47, 101, 125, 127, 136

Autoconfiguración 200

### C

Cacaso 173, 174, 175, 176, 182, 185, 189

Cinema 102, 104, 184, 185, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262

Cinema e Educação 243

Coluna de opinião 124

Competência discursiva 20, 23, 25, 26, 28, 30, 126

Crônica literária 219, 222, 229, 233

### D

Dialogismo 22, 46, 91, 93, 94

Dictadura 200, 201, 202, 203

Discurso 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 54, 53, 57, 61, 62, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 107, 108, 110, 112, 114, 115, 117, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 139, 140, 142, 146, 158, 164, 175, 176, 177, 183, 189, 203, 211, 214, 216, 227, 237, 246

Discurso constituinte 20, 21, 26, 31

Discurso político 7, 32, 33, 35, 36, 37, 39, 41, 44, 47, 65, 66, 69, 80, 90

Discurso religioso 20, 26, 31



## E

Educação estética cinematográfica 243

Espaço Escolar 159, 260

Estilística 149, 156, 158, 173, 174, 175, 176, 189

Ethos 32, 34, 35, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 59, 60, 61, 62, 64, 113, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135

## F

Facebook 65, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 75, 79, 80, 146

Futebol 20, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

## G

Gênero 4, 5, 10, 22, 37, 47, 70, 75, 91, 92, 93, 95, 97, 98, 99, 101, 103, 107, 108, 133, 136, 139, 142, 144, 148, 150, 156, 163, 171, 176, 177, 180, 200, 201, 202, 203, 212, 215, 226, 227, 241

Grupo Escolar 173, 174, 177, 180, 181, 184, 185, 187, 188

## H

História das Mulheres Latinoamericanas 243

## I

Identidades 5, 8, 12, 13, 19, 33, 38, 41, 42, 65, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 85, 86, 90, 129, 138, 143, 144, 146, 152, 162, 165, 182, 190, 191, 197, 198, 211, 213, 214, 234, 236, 238, 239, 242, 262

Identidade Sonora 234

Interculturalidad 48, 49, 50, 53, 54, 55

Interculturalidade 49, 208, 209, 217, 242

Intolerância Religiosa 2, 5, 6, 18

## J

João Antônio 190, 191, 192

## K

Kichwa 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64

## L

Leitura compartilhada 219, 220, 230

Linguagem 19, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 43, 44, 46, 65, 73, 79, 85, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 106, 135, 151, 155, 163, 164, 170, 178, 184, 212, 221, 224, 225, 226, 227, 228, 231, 232, 248, 249, 253, 255, 256, 257, 258, 260, 261

Literatura 83, 97, 98, 108, 151, 158, 161, 171, 179, 190, 191, 200, 201, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 222, 224, 228, 230, 231, 232, 233, 242, 245

## M

Manoel de Barros 159, 160, 161, 165, 166, 170, 171, 172

Martín Kohan 200, 201, 202

Modernidade 90, 139, 148, 190, 191, 192, 196, 197, 198, 239, 242, 262

Modos de operação ideológica 1, 2, 5, 8, 9, 18

Mudança 16, 19, 32, 40, 41, 43, 45, 46, 85, 86, 97, 133, 139, 164, 191, 192, 195, 196, 229, 234, 235, 239, 257

Música armorial 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241

Música em Pernambuco 234

## P

Plurilinguismo 208, 213, 214, 218

Poema e poesia 149, 156

Poema metalinguístico 149

Prácticas agrarias 111, 115

Protagonismo leitor 219

## R

Redação do Enem 91, 92, 93, 101, 102, 107, 108

## S

Semiótica del espacio 110, 111, 112, 116, 121, 122, 123

Sociedade 6, 11, 12, 15, 19, 21, 24, 40, 41, 47, 69, 70, 85, 86, 102, 103, 104, 105, 129, 137, 138, 142, 143, 147, 148, 159, 162, 192, 193, 210, 211, 212, 216, 217, 228, 239, 246, 247, 253, 254, 255, 257, 258, 261

## T

Texto literário 159, 160, 161, 162, 163, 164, 171, 208, 211, 212, 219, 222, 223, 224, 231, 232

Torcida 28, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 148

## U

Urbano 12, 190, 191, 192, 193, 196, 198

Uso de tecnologia 81, 83, 89, 90

## W

WhatsApp 81, 82, 83, 87, 88, 89



**EDITORA  
ARTEMIS**